



Veruschka Mainhard (1968-2024)

Lenine Santos 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

leninealves@gmail.com

BIOGRAFIA

Editor-Chefe: Mauro Chantal

Layout: Mauro Chantal e Edinaldo Medina

License: ["CC by 4.0"](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Enviado: 03.5.2024

Aceito: 06.06.2024

Publicado: 30.08.2024

DOI: <https://doi.org/10.35699/2.2.2024.54098>

RESUMO: Neste trabalho, dados biográficos e depoimentos de artistas que conviveram com Veruschka Mainhard, flautista, pianista e cantora, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, falecida em março de 2024. Era Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Quando de seu falecimento, atuava como professora adjunta da Escola de Música da UFRJ; na graduação como professora de Canto e Dicção, e na pós-graduação como professora/orientadora no PROMUS (Mestrado Profissional em Música). Suas atividades como musicista incluíam também a preparação vocal do Conjunto Sacra Vox. Desenvolveu carreira proffcua como cantora solista em óperas, oratórios e cantatas no Brasil e em países como a Alemanha, Holanda e Estados Unidos. Defensora da canção brasileira de câmara, parte de seu trabalho como camerista está registrado em vídeos e gravações de áudio. Os depoimentos que preenchem este texto ilustram o carisma com o qual Weruschka Mainhard conquistava todos que dela se aproximavam.

PALAVRAS-CHAVE: Veruschka Mainhard. Canção Brasileira de Câmara. Conjunto Sacra Vox.

Veruschka Mainhard (1968-2024)

ABSTRACT: This work presents biographical data and testimonies from artists who knew Veruschka Mainhard, a flutist, pianist, and singer who was a professor at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), who passed away in March 2024. She had a PhD in Music from the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). At the time of her death, she was an adjunct professor at the UFRJ School of Music, teaching singing and diction in the undergraduate program, and as a professor/advisor at PROMUS (Professional Master's Program in Music) in the graduate program. Her activities as a musician also included vocal coaching for the Sacra Vox Ensemble. She developed a fruitful career as a solo singer in operas, oratorios, and cantatas in Brazil and in countries such as Germany, the Netherlands, and the United States. A defender of Brazilian Art Song, part of her work as a soprano is recorded in videos and audio recordings. The testimonies that fill this text illustrate the charisma with which Weruschka Mainhard won over everyone who came into contact with her.

KEYWORDS: Veruschka Mainhard. Brazilian Art Song. Conjunto Sacra Vox.





1. Introdução

Pianista premiada em concursos nacionais, Veruschka Mainhard desenvolveu seus predicados vocais com Carol McDavit e Martha Herr no Brasil, Uta Spreckelsen na Alemanha e Marianne Blok na Holanda. Teve também como mestres Roland Hermann, Mitsuko Shirai, Hilde Zadek e Jeffrey Gall na Alemanha e Jorge Chaminé, na capital francesa. Integrante do Coro de Câmara Pro-Arte por mais de 30 anos, atuou também como preparadora vocal desse grupo. Querida e respeitada por alunos e colegas, Veruschka concluiu seu Doutorado em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), mas era também mestra em Flauta Transversa Barroca e Música Antiga pela Escola Superior de Utrecht (Holanda). Quando de seu falecimento, atuava como professora adjunta da Escola de Música da UFRJ, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação, mais especificamente no PROMUS (Mestrado Profissional em Música). Suas atividades musicais incluíam também a preparação vocal do CONJUNTO SACRA VOX, projeto de extensão da Escola de Música da UFRJ, criado em 1998 pela Prof. Vera Prodan e dirigido pela regente e Prof. Dra. Valéria Matos, desde 2003. Também na Extensão, coordenou o projeto Transcrições e Traduções. Sua expertise vocal lhe permitiu atuar como solista em óperas, oratórios, recitais de câmara e cantatas no Brasil, Alemanha, Holanda e Estados Unidos. Seu timbre delicado angariou o olhar de compositores que criaram partituras específicas para sua voz.

Sua partida chocou toda a comunidade musical. Diversos depoimentos foram publicados em celebração à sua existência, dos quais citamos as palavras de apreço registradas pela Sala Cecília Meireles, por meio da rede *Facebook*, em 20 de março de 2024: "A Sala Cecília Meireles lamenta a precoce partida da professora e cantora Veruschka Mainhard. Brilhando nos palcos ou na cátedra, ela cativou uma multidão de alunos e admiradores, que levarão para sempre sua arte e seus ensinamentos".

Os depoimentos a seguir, dos professores Carlos Eduardo da Silva Vieira (Caê Vieira), Andrea Adour, Laura Tausz Rónai (Primeira professora de flauta de Veruschka Bluhm Mainhard, posteriormente sua confidente e orientadora de doutorado), mais o depoimento do autor deste texto ilustram o carisma com o qual Veruschka Mainhard conquistava todos que dela se aproximavam.



2. Depoimento

Hoje é dia 20 de março de 2024, 17h. Estou em uma das salas da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Normalmente, uma quarta-feira à tarde por aqui apresenta um clima frenético: a comunidade acadêmica parece preferir concentrar muitas de suas atividades às quartas-feiras incluindo aulas, ensaios, concertos, reuniões e a presença ruidosa das sempre agitadas crianças dos projetos de extensão. Mas hoje não está sendo assim: escrevo sentado em uma sala silenciosa, cercada de corredores mudos em um prédio absolutamente vazio. Faleceu nossa Veruschka Mainhard: nossa mestra da dicção, nossa voz maviosa, nossa afinação cristalina, nossa pessoa doce e sorridente, nossa amiga, colega e companheira nos deixou hoje.

Conheci Veruschka há uns bons anos, por conta do nosso interesse comum em música antiga. Mas foi em 2015, durante meu doutorado nos EUA, que o nome dela ganhou maior relevo pra mim. Eu estava escrevendo um capítulo sobre o Português Brasileiro Cantado relatando minhas experiências de ensinar português para um coro de anglófonos. Em busca de bibliografia, entrei em contato com a saudosa Martha Herr, que medisse: "estou te enviando um capítulo ainda não publicado da tese que a Veruschka está escrevendo porque acredito que, no momento, ela seja a pessoa no Brasil que mais está entendendo do assunto".

Anos depois tive o privilégio de poder vir a trabalhar com a Veruschka e de perceber que a Martha tinha razão: ninguém no país entendia mais do assunto do que ela. Nesses pouco mais de quatro anos em que trabalhamos juntos, pude conhecer uma colega cuja atuação era marcada pela generosidade. Na minha busca de mergulhar mais e mais na interpretação do repertório germânico, pude contar com a sua orientação me indicando ótimos livros de dicção em alemão e vindo assistir a alguns dos meus ensaios com piano para fazer anotações e mais anotações nas minhas partituras compartilhando graciosamente todo o enorme conhecimento que ela possuía. Em outra ocasião, pedi que ela entrasse na minha sala de aula para opinar sobre a classificação vocal de uma aluna caloura: Veruschka não só a ouviu como acabou dando uma ótima aula de canto de quase uma hora, compartilhando uma enxurrada de exercícios e ideias comigo e com a aluna. Foi lindo ver o quanto ela fazia questão de ser presente em todas as interações



que tivemos: no meio de tantas atividades, ela nunca deixou de parar para cumprimentar e para mostrar interesse genuíno nas minhas atividades e nas muitas dúvidas que eu tinha como professor recém-chegado no departamento. Vim a conhecê-la assim, de perto, nos últimos anos de sua vida, anos nos quais ela esteve constantemente lutando contra o Mal de Parkinson que se instalou com sintomas fisicamente perceptíveis. No entanto, a doença não diminuiu sua vivacidade e nem sua proficiência musical: a voz continuava linda e saudável. Essa mesma voz que hoje se calou de forma tão repentina, assim como segue calada essa nossa Escola de Música. Que tristeza! Ao mesmo tempo, que beleza! Esse silêncio sepulcral é sinal inequívoco do quanto ela era valorizada e respeitada por alunos, professores e técnicos. E não foi só o departamento vocal que parou: a escola toda está em um respeitoso luto sentindo a perda abrupta de uma de suas mais preciosas joias. Fica a memória e a inspiração do seu trabalho magnífico, inclusive dessa recém-finalizada integral das canções de Lorenzo Fernandez que demonstram o quanto ela cantou com maestria até o fim.

Gratidão, Veruschka, gratidão eterna! Vou ali no YouTube ouvir você e o Silas Barbosa interpretando mais uma canção e tenho certeza que, assim, vou seguir aprendendo com você.

Carlos Eduardo da Silva Vieira (Caê Vieira)

Professor de Canto

Departamento Vocal da UFRJ

3. Veruschka e a Tese, por Andrea Adour

A última vez que conversei com minha querida amiga Veruschka, sentada no Tic Tac, lanchonete na esquina da Rua das Marrecas com a Rua do Passeio (lugar muito frequentado por todos nós, professores e alunos da Escola de música da UFRJ, lugar em que comemos, discutimos, sorrimos, choramos, fazemos reunião pedagógica, contamos mazelas, nos apoiamos nas incertezas da vida pessoal e profissional, fazemos planos, sonhamos) ela me perguntou se eu havia guardado e que (caso afirmativo) enviasse para ela o texto que escrevi para sua defesa de tese. Imediatamente afirmei que eu havia guardado sim, entretanto não enviei de imediato, pois não estava num drive acessível ao celular e sim no HD de meu computador em casa. A sua foi a primeira banca que



participei como avaliadora, pois concluí meu doutorado em 2013. Lembro-me de ficar lisonjeada e com muito medo, tamanha a responsabilidade. O trabalho da Veruschka, orientado por Laura Rønai era excelente! Enquanto eu lia, pensava: essa obra será referência a respeito do cancionero de Lorenzo Fernández! Ao concluir a leitura, eu pensei: não irei fazer uma arguição tradicional, pois o texto pede outro tipo de abordagem. Irei escrever um texto que possa dialogar com a autora, e, quiçá, contribuir. Ela comentou que tinha boas lembranças do texto que eu havia escrito no lugar da costumeira arguição e me pediu que eu o encaminhasse a ela. Infelizmente, não houve tempo para isso. Ela partiu. Partiu minha amiga, mestra, companheira de praia, apreciadora junto comigo das altas temperaturas cariocas (sim, nos satisfazíamos vendo relógios que batiam 40 graus, indicando o calor humano, o calor do Rio, o calor da alegria, o calor de ter a sorte de morar próximo ao mar). Quantas vezes, depois disso, eu peguei o celular para avisá-la que tinha encontrado o texto no HD.... e depois, me lembrava que... ela havia partido... e não pude me despedir, não houve tempo... Queria ter podido ler junto com ela novamente, tomando um chá nas xícaras lindas, realmente sensacionais que ela possuía, ouvindo música, conversando com a Laura. Ou, quem sabe, como tantas outras vezes, nos encontraríamos no "Botafogo Escada Shopping" e sentaríamos no último andar e tomaríamos um café, e faríamos juntas a leitura... ou ainda, nos encontraríamos no Árabe do Largo do Machado, pediríamos esfirras, enquanto leríamos o texto. Quanta saudade eu sinto da minha querida Veruschka. Na primeira vez que cheguei à escola de música, fui direto para sua sala te cumprimentar, como tantas vezes fazia: segurei a maçaneta e fui sobressaltada pelo terror da sua ausência. Muita falta irá nos fazer seu vastíssimo conhecimento, sua alegria, sua disposição de estar sempre aprendendo, aprofundando-se cada vez mais, esmerando-se. Nossos papos sentadas na praia, ouvindo o som do mar, das pessoas, o cheiro da maresia, falando coisas aleatórias serão sempre lembrados por mim.

Enfim, com muita tristeza, ao saber que faríamos uma homenagem à Dra. Veruschka Mainhard nesse volume da Revista da Música Vocal Erudita Brasileira, pensei que seria uma maneira de compartilhar um pouco da importância e seriedade desta intérprete e acadêmica fantástica. Vale ressaltar que o trabalho dela sobre o cancionero de Lorenzo Fernández é hoje referência, e que ela realizou duas gravações de sua obra integral: a primeira em áudio (para o CD que acompanha a tese com a contribuição dos

pianistas Luis Senise (*in memoriam*) e Marina Spoladore; e a segunda em vídeo, concluída poucos dias antes de seu falecimento (com o pianista Silas Barbosa), disponível no youtube¹. Com saudade e admiração, compartilho o texto que redigi para a arguição da tese da querida Professora Doutora Veruschka Mainhard intitulada "Canções de Oscar Lorenzo Fernández"², ocorrida em 08 de agosto de 2014, há 10 anos atrás:

O primeiro gesto que devo verter neste documento é o de agradecimento. Isto porque, o convite à leitura deste trabalho, além de muito haver me honrado, me propiciou o contato mais íntimo com a obra deste compositor, evidenciando-a, fazendo-a acontecer. Muito pode ser questionado quanto ao papel dos programas de pós-graduação em artes, porque, ao contrário das ciências ditas exatas, a arte parece flutuar em incógnitas cada vez mais profundas. Auxilia-nos Manuel de Barros, em seu *Livro sobre o Nada*:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam

(Manoel de Barros. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996: 53).

Esta analogia muito nos esclarece sobre o valor e a importância das ciências humanas, em seu papel de evidenciar as obras pelo seu próprio acontecer poético. Em sua aula de abertura, meu professor de metodologia científica, disciplina que cursei durante meu doutoramento disse algo aproximadamente assim: "quem é das artes, pode levantar, porque não é possível fazer ciência com a poética, pois diminuiria esta mesma". E continuou: "mas se mesmo uma equação de segundo grau tem duas respostas, e se no mundo da *physis*, tão pouco pudemos provar, sentem-se de novo e nos ajudem a perceber o mundo pelo olhar indefectível das artes" (anotações de aula na UFMG, fala do Prof. Francisco Soares).

¹ Projeto Lorenzo Fernández - Veruschka Mainhard e Silas Barbosa. Disponível em <https://www.youtube.com/@projetolorenzofernandez6568>. Acesso em 02 de junho de 2024.

² MAINHARD, Veruschka. Canções de Oscar Lorenzo Fernández. Manuscrito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de pós-graduação em música, 2014. Disponível em <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11197>

Sendo assim, trabalhos como este da Veruschka Mainhard, abrem justamente essa escuta aos sabiás que divinam, às artes que, em seu acontecer, manifestam a presença humana e sua relação com o mundo através de sua produção. Como expresso por Versuchka, em seu texto, o trabalho é uma “criação coletiva, em que somente as primeiras páginas foram escritas” (MAINHARD, 2014: 152), assim ilumina o caminho para a percepção deste conjunto de obras poéticas, e que nós como ouvintes, damos continuidade, não apenas a partir do prosseguimento das metodologias e esquemas de análise apresentados nas canções não analisadas, mas sim e, sobretudo, como humanos que fruem um repertório antes obscurecido.

Este tem sido um dos grandes valores nos trabalhos que tenho visto relacionados às práticas interpretativas. Interpretar, como me disse o Professor Manuel Antônio de Castro (também em aula em disciplina cursada na letras da UFRJ) vem do latim trazendo dois termos: *inter* e *precio*, significando entre-preço, barganha. Pois o intérprete é aquele que serve de interlocutor entre diferentes dimensões e temporalidades, traduzindo, e gerando novos pensares, barganhando com a cultura. O intérprete está em diálogo entre a obra, o ouvinte e o mundo, e nesse mundo, ambientam-se espiralamente o passado, o presente e o futuro. Nesse sentido podemos dizer que as obras são todas atuais, porque se presentificam enquanto arte. Paul Ricoeur nos auxilia nesse aspecto em seu trabalho Teoria da Interpretação: “Não é a intenção do autor, que se encontra supostamente oculta por detrás do texto; não é a situação histórica comum ao autor e aos seus leitores originais; não são as expectativas ou sentimentos desses leitores originais; nem sequer a autocompreensão que de si tinham como fenômenos históricos e culturais. Aquilo de que importa apropriar-se é o sentido do próprio texto, concebido de um modo dinâmico como a direção do pensamento aberta pelo texto. Por outras palavras, aquilo de que importa apropriar-se nada mais é do que o poder de desvelar um mundo, que constitui a referência do texto” (RICOEUR, 1995: 136)³. Umberto Eco em seu texto Interpretação e superinterpretação também nos auxilia ao dizer que: “apesar das diferenças quanto aos graus de certeza e incerteza, toda descrição do mundo (seja uma lei científica, seja um romance) é um livro em si mesmo, aberto a outras interpretações. Mas certas interpretações podem ser reconhecidas como malsucedidas porque são como uma mula, isto é, incapazes de produzir novas

³ RICOEUR, Paul. Teoria da Interpretação. Lisboa, Porto Editora, 1995

interpretações ou por não poderem ser confrontadas com a tradição de interpretações anteriores" (ECO, 1997: 177)⁴.

Desta forma, o trabalho do intérprete é estar conectado com as diferentes dimensões apresentadas no texto. Veruschka corrobora para essa ideia quando diz: "a imaginação é aliada primordial do intérprete e em seguida "embora a articulação adequada seja de suma importância para entendimento do texto, é preciso que o cantor 'embeba' as palavras em seu significado para que a mensagem seja compreendida: um é absorvido pela razão, a outra pela emoção" (MAINHARD, 2014: 43). Em todos os casos, o intérprete é, pois, aquele que dialoga com o passado e com o presente, com o texto e com o ouvinte, trazendo à presença a obra em suas diversas dimensões de mundo.

Para tecer estas relações dialogais, Veruschka faz uso de diferentes caminhos em trabalho análogo ao do detetive: a busca de manuscritos autógrafos, entrevistas, catálogos, editoras, jornais, cartas, enfim, diferentes documentos que possam reconstruir para o leitor do trabalho a dimensão do texto e da importância da obra de Lorenzo Fernández, evitando assim, o desvio apontado por Eco, nas interpretações malsucedidas, onde não há confronto com tradições de outras ações interpretativas.

Este verdadeiro quebra-cabeça, no que concerne à obra de Lorenzo Fernandes, faz um caminho diferente no processo analítico, uma vez que busca primeiramente agregar diferentes facetas do conhecimento, para aí então, analisar ("*ana - lio*" – o termo vem do grego e significa desligar) para aí então re-agregar como obra de arte, fazendo-a acontecer, como muito bem demonstrado no CD.

A tese realizada por Veruschka traz à tona algumas discussões valorosas, que gostaria de explicitar:

- É importante apontar a excelente triangulação realizado por Veruschka ao trabalhar a edição das partituras explicitando uma excelente contextualização da obra do ponto de vista musical e textual, mais os dados de pronúncia e técnica vocal, mais a análise, resultando num trabalho que reforça o papel do intérprete e sua importância ao trazer à presença a obra de Lorenzo Fernández. Como disse a autora ao justificar a seleção das obras por ela analisada:

⁴ ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1997



Tomadas em conjunto, oferecem um panorama bastante representativo das principais características de cada fase composicional do autor, exemplificando perfeitamente as qualidades que primeiramente me atraíram para sua obra e que fazem dele um compositor digno de ser estudado e divulgado (MAINHARD, 2014: 20).

- Destaco também o trabalho de análise comparativa entre as obras para voz e orquestra e voz e piano, a partir da obra Samaritana, que tornou possível a reconstrução das obras Um beijo e Ausência. Segundo Versuchka:

De modo geral, Lorenzo Fernández conservava minimamente a parte de piano nas grades das versões para voz e orquestra de suas canções. Em uma primeira observação superficial, pode-se constatar que sua técnica de transcrição era relativamente simples e direta, consistindo da distribuição das vozes que formavam a textura harmônica acompanhadora entre as cordas, enquanto ele designava a alguns instrumentos de sopro as melodias de introdução e contracanto da parte vocal (MAINHARD, 2014: 65).

- Outro ponto forte do trabalho é a discussão realizada pela autora com relação à questão da transposição, assunto ainda muito discutido nas academias. A autora pontua que:

(...) no entanto, as mesmas informações que esclarecem as intenções de Lorenzo Fernández ao compor determinada canção em uma tonalidade específica podem fornecer ferramentas para que a mesma seja transposta e executada, sem que haja perda significativa da textura, timbre e ambiência propostas no tom original. Será necessário, porém que o cantor lance mão de imaginação e técnica para recriar uma atmosfera adequada ao texto literário e musical da obra" (MAINHARD, 2014: 61).

- O cuidadoso trabalho de inserção da transcrição fonética de toda a obra vocal de Lorenzo Fernández é de extrema importância para a divulgação da obra desse autor para além do território nacional. Além disso, Veruschka aponta importantes elementos para a pronúncia do português cantado ao tratar diversas particularidades do padrão de emissão do português. Ela diz: "A pronúncia adequada demanda um conhecimento técnico vocal formalmente adquirido. A declamação exige que o cantor administre um repertório de experiências pessoais (adquiridas formal ou informalmente), que lhe darão ferramentas para imbuir o texto de sentido." (MAINHARD, 2014: 43).

- Em seu trabalho de reconstrução da obra de Fernández aponto o cuidado com a pesquisa sobre os intérpretes e também ao constatar que “todas as canções tiveram sua estreia mundial executada na versão canto e piano”. Destaco também a percepção de que os textos utilizados pelo compositor relacionavam-se: “Coincidência ou não, pode-se notar que os textos escolhidos pelo compositor apresentam estéticas compatíveis com o período composicional em que ele se encontrava” (MAINHARD, 2014: 53).

Outros pontos mereceriam uma discussão mais longa e é a partir destes que faço minhas primeiras questões para a autora.

- 1 Em seu trabalho a documentação utilizada para tratar do nacionalismo foi a do entorno do próprio Lorenzo Fernández. Ao mesmo tempo, você diz, citando Lenine Santos, que os estudantes de canto não têm interesse em se dedicar ao repertório nacional com o mesmo entusiasmo que fazem com a ópera e canção de câmara estrangeiras. Entretanto, na mesma página, 15, você diz que as canções do repertório brasileiro servem como instrumento viabilizador no processo de aprendizagem do canto. A pergunta a partir daqui é: o resgate pelo do repertório brasileiro por via da corrente nacionalista do início do século XX é mais viável do que outros repertórios em português brasileiro, mesmo tendo em vista as amarras recorrentes das escolas tradicionais de canto?
- 2 No capítulo 2, Dicção e declamação, você utilizou o dicionário Eletrônico Aurélio para esclarecer o sentido de dicção e declamação, colocando-as ao lado das palavras modular, entoar e articular. Mais adiante, nas páginas 36 e 42, dicção e pronúncia aparecem como sinônimos. Tomei a liberdade de buscar a origem etimológica destas palavras, visto que não havia ficado claro, para mim, tal aproximação. A palavra dicção vem do latim e seu lexema principal é *dicare*, que significa dizer, testemunhar. Por sua vez, a palavra declamar vem do latim, do lexema *clamare* e diz, gritar, vozear. Sendo assim, a dicção é o dizer e o declamar o modo de dizer. Entretanto, o uso que

fazemos do termo dicção no senso comum costuma aproximar a palavra mais no sentido de precisão da articulação e conseqüentemente do seu entendimento do que o sentido apontado pelo étimo inicial. O termo pronúncia, por sua vez diz pro-nuncio, de onde núncio diz anunciar em voz alta, dar notícia, e o prefixo pro, para além, para adiante. Entende-se então que pronunciar é anunciar para além, para frente. Sendo assim, sugiro-lhe: não seria interessante inserir um aprofundamento do uso destes termos em seu trabalho e de seu entendimento no senso comum buscando ampliar os conhecimentos na área de música vocal?

- 3 Na página 54 você aponta o item “extensão, tessitura e transposição”. Para explicitar o termo tessitura você utiliza a Enciclopédia Britânica pg 56, onde a palavra tessitura é sinônima de textura. Na página 55 você afirma que o timbre é um dos elementos formadores da textura, compreensão obtida a partir da citação de Caio Sena. Entretanto, não me parece que, nesta citação, o conceito de textura possa ser entendido como sinônimo de tessitura. Além disso, me parece que ele entende o timbre como a qualidade que cada instrumento possui para individualizar-se, destacando-se da trama sonora. Com relação ao entendimento de textura copio aqui o que disse Wallace Berry em seu *Structural Functions in Music*: “Textura consiste em seus componentes sonantes e é condicionada em parte pelo número desses componentes que soam em simultaneidade ou em concorrência”. Também na citação de Roberto Victório, pag. 55, o uso do termo timbre também me parece mais aliado à trama composicional (como elemento estruturador) do que às variações sonoras de cada instrumento ou voz. Minha sugestão é que a definição de textura seja excluída ou trabalhada de forma mais específica e elucidativa, para evitar confusão e para não obscurecer o excelente trabalho que você faz em seguida com relação ao uso ou não de transposição nas canções de Fernández, onde, vale comentar, a compreensão de timbre é muito bem trabalhada e não depende desta citação.



Veruschka, seu trabalho conduziu-me a conhecer mais sobre Lorenzo Fernández, e nesse sentido, concluo parafraseando o próprio, como você bem o fez na página 34: “A melhor maneira de compreender a música é ouvindo-a” (MAINHARD, 2014: 34). Faço votos que seu trabalho seja continuado e que dele advenham muitas performances.

Queridos alunos, intérpretes, professores, acadêmicos, amigos e familiares da Professora Doutora Veruschka Mainhard, espero que este texto ilustre o comprometimento e esmero que Veruschka tinha com seu trabalho, tornando-se referência para todos nós.

4. Veruschka Mainhard, uma pessoa especial

Nos últimos anos, especialmente durante a pandemia, volta e meia Veruschka me ligava pedindo sugestões para seu programa de rádio, o *Clássicos Para todos*, que produziu para a *Paratodos Incorporated*. Programa de rádio? Como assim? Essa não era aquela pessoa que tinha uma carga horária pesadíssima ministrando aulas na UFRJ, que sustentava uma carreira de solista, que se dedicava totalmente à família e aos amigos? De onde surgia tempo para isso? Acontece que, para Veruschka, música era paixão, daquelas que divertem e emocionam – e que queremos compartilhar com o mundo.

No programa de rádio a que se dedicava sem auferir qualquer benefício próprio (e que pode ser ouvido em: <https://paratodosincorpora.wixsite.com/paratodosinc>), Veruschka brincava com a ideia de poder escolher as gravações que amava e dividi-las com os amigos. No seu tempo livre (melhor dizendo: em suas horas roubadas ao sono), dava um jeito de arranjar mais sarna para se coçar, assumindo um trabalho que visava o bem comum. Sua criatividade era inesgotável. Me lembro de um programa composto apenas de aberturas de óperas; outro enfocava músicas com flores no título; já outro se concentrava em música que falava de bebidas! Ainda outro se debruçava sobre alvoradas e crepúsculos. Num dia o tema era viagens, noutra era o folclore em vários países, ou a primavera. Um programa foi dedicado a mestres e seus discípulos; outro, a um repertório ligado à roupa, moda, estilo e expressão através da vestimenta. No Dia das Crianças, Veruschka preparou “Grandes clássicos para pequenos ouvintes”; em outra ocasião juntou obras de mulheres

compositoras. Apresentou obras sobre os quatro elementos, sobre o *Halloween*, a juventude, a consciência negra. Não existe tema interessante ou atual que ela não tivesse abordado. O repertório era dos mais ecléticos e variados, revelando a artista curiosa e aberta a todas as tendências.

Não bastasse a rádio, as aulas, os amigos, a família, o trabalho de compilação de traduções de canções do mundo todo (novamente um projeto voltado a outros cantores, feito para facilitar a vida do intérprete vocal) ela ainda conseguiu o milagre de gravar, com o amigo Silas Barbosa, a integral de canções de Lorenzo Fernandez, seu assunto de doutorado. Fazia tudo isso com maestria, mantendo sempre o bom humor, sem sonegar sua integridade e sua dedicação. Veruschka se jogava inteira em tudo o que fazia. Talvez sentisse uma urgência em deixar registradas suas muitas realizações. Talvez intuísse que não teria o tempo justo sobre a terra.

Conheci Veruschka quando ela era ainda adolescente e veio ter aulas comigo. Imediatamente fiquei encantada por aquela adolescente esperta, curiosa, carinhosa, inteligente, engraçada, que tinha um talento enorme e já dominava vários instrumentos. Criamos uma conexão muito forte. Uma coisa meio de mãe e filha mesmo. O curioso é que essa relação se manteve para o resto da nossa vida. Foi na minha casa que ela conheceu o Alcimar, outro aluno talentoso e querido, que frequentemente tinha aulas antes ou depois dela. Da admiração e da amizade entre os dois surgiu uma relação tão forte quanto interessante. Muito diferentes entre si, Alcimar e Veruschka tinham posições opostas a respeito de uma infinidade de assuntos, mas conseguiram manter sempre a ternura, o enorme orgulho e respeito que sentiam um pelo outro. Do casamento entre duas personalidades fortes e admiráveis nasceu a Laurinha – ter meu nome dado a esta bebê fofa foi a maior homenagem que jamais recebi de alguém. Laurinha hoje é uma adolescente viva, inteligente e talentosa como seus pais.

Mas voltando ao passado: depois de anos de dedicação e estudo comigo, Veruschka se tornou uma excelente flautista, e foi se aperfeiçoar na Europa. De lá, mandava notícias constantes, descrevendo suas aulas, dissecando sua relação com os professores, comentando suas descobertas e progressos, de maneira sempre inteligente e extremamente perspicaz. Acabou virando a sua atenção para o canto, se tornando uma cantora refinada. Posteriormente, por concurso, conquistou o cargo de professora de canto na UFRJ. Tocamos vários concertos juntas e a experiência era sempre deliciosa.

Além de cantora afinada e de técnica impecável, Veruschka era uma camerista de mão cheia, que sabia se comunicar como ninguém.

O programa de rádio que mencionei no início deste texto era o reflexo de uma personalidade aberta para o mundo: Veruschka tinha interesse por tudo, de receitas à música e de livros a artesanato. Se inteirava sobre psicologia, sobre religião, sobre as pessoas. É isso que fazia dela uma aluna especial e fez dela, depois, uma professora excepcional. Nunca se importava de pegar atalhos que saíam da sua rota habitual e caminhar por outros terrenos, se esses pudessem jogar alguma luz sobre aquilo que a empolgava. Justamente por isso era uma artista com uma visão única da música. É claro que a voz maravilhosa ajudava também.

Com o tempo, nossa relação de professora e aluna, mãe e filha, foi se transformando numa ligação cada vez mais de igual para igual. Eu sentia confiança absoluta no caráter e na bondade dessa pessoa que estava constantemente atenta aos amigos, que sempre tinha um abraço de urso para oferecer a quem precisasse. No meio da música, tão pequeno, as fofocas correm rápido. Eu ouvia as opiniões dos alunos da Veruschka que vinham me relatar o quanto ela era acolhedora, o quanto ela os apoiava, o quanto ela entendia os problemas – muito além dos problemas técnicos, os problemas com os quais cada um lidava na vida – e ficava evidente para mim o quanto seus conselhos e seu afeto eram fundamentais para todos esses jovens cantores.

A notícia da queda dessa amiga querida e da sua hospitalização nos pegou a todos de surpresa e a ficha de alguma maneira ainda não caiu, porque há tão pouco tempo ela estava aqui com toda a sua vivacidade, com todo o seu carisma, com toda a sua autenticidade. Rimos, conversamos, tomamos café, junto com o Alcimar e a Laurinha. Falamos de tudo um pouco. Veruschka era uma pessoa absolutamente franca e direta em suas opiniões. Não tinha medo de ser polêmica, não tinha receio de dizer o que pensava e de mostrar os seus pensamentos e as suas emoções à flor da pele o tempo todo. Também não tinha medo de distribuir seu carinho, sua generosidade e sua amizade, que nunca racionou ou economizou.

Daquela menina que veio estudar comigo, décadas atrás, guardava ainda inúmeras características: o capricho em tudo o que fazia (me lembro de seus bilhetes para mim, decorados com cromos de flores e corações, e escritos com a letra bem desenhada e legível), a vontade de agradar, a curiosidade, a empatia, a seriedade de

propósito, a fidelidade a si mesma, o temperamento carinhoso, a risada sonora, a sinceridade que por vezes beirava o sincericídio. Veruschka sempre preferiu uma verdade sem maquiagem a uma mentira enfeitada. Com o tempo, a essas qualidades se somaram o refinamento da cultura e o cabedal imenso de informações de que sua excelente memória podia sempre se servir.

A gente nunca pensa, durante uma visita com amigos queridos, que talvez seja a última vez que vai ver uma pessoa tão próxima. Tento olhar para trás e pensar o que eu teria feito de diferente se soubesse que era a última vez que estaríamos juntas, mas na verdade eu não teria feito nada diferente, porque nossos encontros eram sempre gostosos, bonitos e cheios de afeto. Talvez eu tivesse reafirmado, com todas as palavras, o quanto eu gostava dela. Mas acho que ela sabia, e muito bem. Esse era um de seus dons, adivinhar os sentimentos dos outros. É isso que ela foi a vida inteira para mim, uma conexão de absoluto e total entendimento, gentileza e bom humor.

É muito duro saber que ela não está mais aqui conosco.

Laura Rónai.

5. Ave, Vêrus

Eis que se esgota o prazo pra eu entregar este texto, e eu ainda não quero escrevê-lo.

Prazos.

Não se trata de procrastinação. É que eu não estou pronto. Não quero falar sobre a ausência da Veruschka, pois ela está presente em todos os meus dias, ainda e sempre.

Prazos.

Vivíamos envoltos em prazos, Veruschka e eu. Nós, que orientamos juntos no mesmo programa de pós-graduação e estamos frequentemente compondo bancas de qualificações e defesas, marcávamos juntos os recitais e provas dos nossos alunos, nós convivíamos sempre com os prazos. No fim, tudo desculpa para estarmos juntos.

Vêrus, cadê você?

"Já leu a dissertação do fulano? Vamos marcar pra falar?" – dizia ela.



E lá íamos nós pra mais um café que durava horas. Sem prazo pra terminar.

Empunho o celular várias vezes ao dia na intenção de te enviar um vídeo engraçado, Vêrus, ou com uma notícia interessante, uma mensagem com uma dúvida ou uma notícia, ou uma intimação para um café presencialíssimo, ali no Largo do Machado, ponto intermédio entre tua casa e a minha.

Espero sempre que abras a porta da minha sala de aula e me pergunte: "Até que horas cê vai, hoje?". E que então entres, e interrompas a aula, e ocupes o recinto com teu bom humor inesgotável e as tuas histórias dramáticas e em escala operística, dignas da Valquíria que és.

Wagneriana na escala da vida e do sentimento, me contavas mil histórias urgentes, alarmistas e exageradas. E eu ria, ria, ria, e me olhavas muito séria e dizias: "Você não acredita? Cuidado!"

Não, eu não acredito.

Ainda não quero falar sobre a cantora que és. E, ademais, não é necessário. Há dúzias de vídeos teus na internet atestando tua arte única. Há incontáveis documentos acadêmicos, acessíveis a uma simples busca, mostrando a energia da tua paixão pela busca, tua curiosidade, tua inquietude.

Veruschka Bluhm Mainhard.

Vêrus.

Minha amiga Valquíria.

Nos encontramos naquele sábado. Na mesa, chás, cafés e bolos. Laurinha estava. Falamos de tudo e de nada, de todos, da vida, da morte, das coisas. No dia seguinte te sentiste mal, passei o dia acompanhando teu estado e monitorando a doença chata que te acometera, assim, de repente.

E depois, a notícia.

E depois, o absurdo.

Fui ter com você no leito do hospital.

Me ouviste? Me percebeste? Falei contigo.

No dia seguinte, fugi.

Voei para São Paulo com a desculpa de um trabalho – que realmente existia – e nele me enterrei, e aceitei todos os convites para almoçar, para jantar, para o teatro...



tudo para não pensar no absurdo. Não tive forças para viver os rituais do teu fim, Veruschka. Fugi.

Mas me assaltavam todas as nossas histórias.

Ora, eu não conheci Veruschka, na verdade. Digo: não fui apresentado a ela. Simplesmente porque amigos assim, quando nós os encontramos na vida, eles já são. Não são necessárias apresentações. Amor à primeira vista. Amor que já precedia o encontro.

Caminhamos juntos pelo centro de São Paulo, parando nos cafés. Caminhamos juntos por Belo Horizonte, entrando no Mercado Central e provando de tudo naquele parque de diversões para nós, dois gulosos, dois gourmands. Subimos e descemos as ladeiras intermináveis de Ouro Preto, cantando a duas vozes, vasculhando presentes, entrando nas igrejas e fazendo a avaliação criteriosa dos queijos e dos doces de leite.

- "Amigo, você é magro é de ruindade, né?"

Veruschka, nós tínhamos prazo.

Tínhamos um prazo e deste você não havia me avisado!

Por isso é que você maquinou junto com a Valeria Matos pra eu cantar aquela cantada de Bach com você, no ano passado? Ah, agora entendo... Única vez em que estivermos juntos no palco. Como é possível?

Amiga, que falta me fazes!

Eu choro.

*Se lá no assento etéreo em que subiste
Memoria desta vida de consente
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste⁵.*

Minha fonte inesgotável de autoestima. Achava honestamente que eu cantava bem, que eu escrevia bem, e que eu sabia de tudo... e eu, constrangido, me equilibrava entre o ego hipertrofiado e a síndrome do impostor.

⁵ *Alma minha gentil que te partiste*. Soneto de Luís de Camões.



Como me faz falta tua voz grave me dizendo coisas banais no dia-a-dia! Tínhamos um prazo curto, Veruschka, e não tínhamos nos dado conta, veja só! Nem você nem eu. Nós, que éramos tão castiços com os prazos!

Eu queria ter palavras para agradecer e louvar o privilégio que tive de te ter na minha vida, mais do que para deplorar a falta que me fazes, linda Veruschka. Eu queria ter palavras que dessem conta dessa presença e dessa ausência.

Carl Sagan escreveu para um amigo: "Diante da vastidão do tempo e da imensidão do Universo, é um grande prazer para mim compartilhar um planeta e uma época contigo."

Mas eu queria que o prazo tivesse sido estendido.

Sim, um prazo maior teria sido bem mais justo.

Lenine Santos

Rio de Janeiro, 02 de junho de 2024.